

PROGRAMA DE ACTIVIDADES DA J.U.C.F.

PARA 1957 - 1958



- I - Introdução
- II - Vida interna da J.U.C.F.
 - 1. Formação de base para o apostolado
 - Roteiro
 - Manhãs Jucistas
 - Retiros
 - Cursos de inscrição limitada
 - Outros meios: fins de semana, livros, etc..
 - 2. Vida de Equipe
 - Iniciativa
 - Plasticidade
 - 3. Relações entre as direcções de secção, diocesanas e gerais
 - 4. Formação de militantes
 - Curso
 - Folha
 - Recollecções
 - 5. Preparação de noivas
 - 6. Formação de finalistas
- III - Acção no meio
 - 1. A acção pessoal
 - 2. Campanhas
 - Natal
 - Páscoa
 - Outras
 - 3. Acção junto das raparigas do Ultramar
 - 4. Acção nos Lares
- IV - O crescimento da J.U.C.F.
 - 1. Recrutamento de novas
 - 2. Formação das Aspirantes
- V - Serviço das relações internacionais e Pax Romana
- VI - Conferência de S. Vicente de Paulo
- VII - Fraternidade
- VIII - Jornadas Universitárias em Fátima

.../.../...



I - INTRODUÇÃO

Embora as linhas de orientação do movimento jucista estejam de há muito fixadas nos seus traços essenciais, torna-se necessário no começo de cada ano de actividades recorrer aos princípios para que, com base neles, se trace um programa que verdadeiramente se adapte à situação própria da J.U.C.F. em determinado momento histórico.

Por outro lado, em cada festa de Cristo Rei, as direcções de renovam um programa estabelecido ajuda a fixar os objectivos, impõe de forma concreta obrigações cujo cumprimento a todo o momento se pode aferir.

Seria de louvar que as direcções criassem o hábito de rever periodicamente o seu programa do ano.

O programa da J.U.C.F. não pode consistir num conjunto de normas ou num somatório de actividades imposto pela Direcção Geral às Direcções Diocesanas ou por estas às Secções; antes terá de resultar de um esforço de todas as dirigentes cada qual no escalão em que foi chamada a servir para definição e escolha das tarefas mais instantes.

O próprio aprofundamento dos princípios deve empenhar todas as dirigentes.

O projecto agora apresentado para base de discussão no Conselho Geral em grande parte sugido pelo trabalho realizado no C.M.; por isso ele não é inteiramente novo para as D.D., tornando-se mais fácil uma reflexão séria sobre os vários pontos.

Pede-se que os presidentes diocesanas preparem o Conselho com as outras dirigentes.

II - VIDA INTERNA DA J.U.C.F.

1. - Formação de base para o apostolado

O conceito de formação de base para o apostolado pode ser mais ou menos amplo (discutimo-lo em Fátima) mas talvez possamos sintetizar a ideia, sem grande empobrecimento, dizendo que se pretende significar "o cristão plenamente consciente dos seus deveres apostólicos e espiritualmente apto a cumpri-los". Isto pressupõe uma visão certa do Cristianismo:

- uma visão que não seja meramente intelectualmente mas que nasça também da Fé;
- uma visão dinâmica e portanto nunca concluída antes enriquecida em cada instante com as novas descobertas;
- uma visão que seja a síntese dos conhecimentos profanos e das Verdades Sobrenaturais

Trata-se portanto e fundamentalmente de uma atitude de vida a adquirir, capaz de abarcar todos os aspectos da realidade e a todos informar do Cristianismo. Só esta visão pessoal dinâmica de mensagem cristã pode permitir haver apóstolos autênticos. A razão por que frequentemente se verificam intermitências várias na vida apostólica encontra-se, quase sempre, na ausência desta formação de base. Poderia, talvez, ter existido entusiasmo, grande dedicação, generosidade e até heroísmo; faltava, porém, o fulgor de toda a acção apostólica consciente - a centralização plena no Mistério Cristão que o mesmo é dizer o perfeito entendimento da mensagem de Cristo.

Do que fica dito, se concluiu, sem esforço, que a formação de base há de consistir:

- num aprofundamento do Mistério Cristão;
- numa vida espiritual progressiva alimentada pelos Sacramentos, pela Oração, pela ascese, pelo Sacrifício;
- uma valorização humana crescente, pelo conhecimento dos problemas do Mundo e da Vida, pela aquisição de qualidades naturais necessárias à influência sobre os outros e sobre as estruturas. Neste domínio exige-se à juísta uma formação específica pela natureza que deve assumir o seu apostolado.

Todos estes aspectos de formação não são compartimentos estanques, mas pelo contrário devem interpenetrar-se. O aprofundamento do Cristianismo, por exemplo, gera em nós o desejo de nos abirmos mais para os outros, projecta uma luz nova sobre os conhecimentos profanos que já possuímos, traduz-se em oração, em ascese, na prática dos Sacramentos.

Além do conteúdo de formação de base, importa salientar que ela tem caracter eminentemente pessoal. A descoberta tem de ser feita por cada pessoa e em caso algum se conseguirá por um puro transmitir de aquisições feitas por outrem. Esta ideia importa sobretudo ter presente quer no recrutamento de novas apóstolas (dando-lhes consciência da necessidade desta formação de base) quer nas iniciativas de formação a organizar pela J.U.C.F..

Procurar formar apóstolas autênticas - por uma formação de base sãria - deverá ser a preocupação máxima de toda a J.U.C.F. no próximo ano. Esta preocupação integra-se no tema geral da A.C. aprovado pela Hierarquia para 1957/58 - A formação dos Apóstolos leigos -

A tarefa de formar para o apostolado é uma função essencial das presidentes e de todas as responsáveis em geral em relação à parcela de responsabilidade que detem. É certo que quer na Direcção Geral quer porventura nas Direcções Diocesanas se hão de tomar iniciativas que visem a formação para o apostolado; mas elas deverão ser sempre consideradas apenas como meios.

Em ordem à formação de base das juístas sugere-se o seguinte:

1. ROTEIRO

O tema das meditações será, "Cristo apóstolo e Mestre dos Apóstolos". Através da meditação de alguns aspectos da vida de Cristo, bem como das passagens dos Evangelhos escolhidas haverá possibilidade de levar as juístas à descoberta pessoal de Cristo - descoberta pessoal de Cristo, eis o que importa - E, porque o cristianismo autêntico se traduz em renovação de vida e santificação pessoal, das meditações se procurarão salientar os aspectos que levam a uma ascese pessoal. Portanto, o Roteiro deve ser caminho de perfeição. O próprio Roteiro terá uma introdução em que se explica a sua finalidade; às militantes cabe a missão especialíssima de conseguir tirar dele todo o aproveitamento.

2. MANHÃS JUCISTAS

No plano diocesano, correspondem as M.J. aos encontros periódicos das jucistas de toda a Diocese e é escusado lembrar a enorme importância que podem desempenhar na formação das jucistas.

Nota-se que para as manhãs jucistas preenchem os seus objectivos devem as Direcções Diocesanas cuidar muitíssimo bem da sua orientação e realização.

Mesmo os aspectos concretos não se podem ignorar pois que tudo - o ambiente, a disposição da sala, a participação activa das jucistas nas reuniões, etc. são condições que concorrem para o êxito ou o fracasso de quaisquer iniciativas.

Salienta-se ainda que o centro da M.J. devem ser os actos litúrgicos - Prima e Missa em comum. E não é demais insistir em que a liturgia vivida com toda a dignidade é sólido pilar de uma comunidade cristã porque traduz e actualiza o Mistério da Redenção.

RETIROS

Os retiros são oportunidades únicas de revigoração espiritual e uma exigência particular dos apóstolos leigos. Envolvidos por uma acção no concreto absorvente e esgotante, muitas vezes os leigos devem procurar no silêncio e uma maior oração a revisão da sua vida e o impulso para acção.

O retiro não é um luxo nem uma moda; é uma necessidade a desportar integrada num desejo mais amplo da vida cristã. Verificou-se este ano uma quebra no número das jucistas que fizeram retiro, sendo portanto de considerar a necessidade de no próximo ano se fazer um esforço particular nessa esfera. A escolha dos pregadores dos retiros é de maior importância sendo de aconselhar que os dirigentes troquem impressões com os conferentes dando-lhes previamente a conhecer a mentalidade das universitárias que farão o retiro, as suas inquietações e dificuldades próprias. Também a orientação que se imprimir aos Retiros não deve ser estranha a preocupação que deve atingir todas as jucistas de penetrarem mais fundo no Mistério da Igreja.

Tudo deve convergir para a seriedade do retiro, competindo às direcções diocesanas resolver os problemas concretos que pode constituir dificuldades ao silêncio e integral aproveitamento do Retiro.

A vida litúrgica do Retiro deve ser eminentemente verdadeira e traduzir realmente os Mistérios celebrados.

PLANO DE FORMAÇÃO PLURIENAL

No próximo ano só as jucistas do 1º e do último ano terão um programa apropriado. Pensou-se que para as outras se deveria adoptar o tema a estudar para preparação das Jornadas de Fátima. Portanto o estudo para as restantes equipas será sobre o Mistério da Igreja e sobre a inserção dos católicos da Igreja. Propõe-se esta orientação com vista apenas à vida jucista neste próximo ano, entendendo-se que o plano de formação plurienal deva ser de novo considerado nos anos futuros.

CURSOS DE INSCRIÇÃO LIMITADA

As direcções diocesanas deverão, na medida do possível, responder à necessidade de aprofundamento de determinados temas de valorização cultural, social, espiritual, proporcionando pequenos cursos ou ciclos de palestras. Assim se atinge um grupo de pessoas mais particularmente interessadas sobre os vários assuntos. Convém, todavia,



salientar que aqui, como em todas as iniciativas deste género, é muito importante lançar bem a ideia do curso de modo a despertar um real desejo do seu aproveitamento.

Se bem que iniciativas deste género sejam do maior interesse, no próximo ano não devem organizar-se mais cursos do que aqueles que não venham comprometer a preparação para as Jornadas.

OUTROS MEIOS

Tudo deve ter carácter formativo e há de criar-se entre as dirigentes mais responsáveis um clima de grande abertura para todos os meios propositadamente formativos e bem assim para todas as circunstâncias e para todas as iniciativas que, embora só remotamente, visem a formação para o apostolado.

Mas, para além desta atitude global que há de ser o timbre de uma Direcção Geral, Diocesana ou de Secção, são de desejar todas as iniciativas que mais directamente visem formar apóstolas. Não será preciso grande aparato exterior; nem excessiva organização; bastará por vezes agarrar a tempo uma ideia convertê-la numa preocupação comum de um grupo de juvistas (e até universitários não juvistas) e fazer disso objecto de um fim de semana passado em comum e ocupado com o debate do assunto. Iniciativas como estas podem multiplicar-se sem perigo porque se dirigem a pessoas diferentes. Têm a grande vantagem de permitir encontros de profundidades, a aproximação de pessoas já licenciadas mais avançadas nos aspectos a discutir, e a riqueza de vida comunitária, sobretudo a vida litúrgica que deve ser particularmente cuidada pois constitui um meio de inserção na Igreja.

A Direcção Geral dará todo o apoio que lhe fôr possível a iniciativas deste tipo tomadas pelos diocesanos, mas não estabeleça de momento quaisquer orientações sobre os temas e a forma a adoptar. Isto porque entende que as Direcções Diocesanas (não a presidente diocesana apenas) devem fazer a escuta das reais necessidades dos respectivos meios.

3. VIDA DE EQUIPE !

Verifica-se uma grande heterogeneidade nas equipas existentes, havendo equipas a funcionar muitíssimo bem, outras que constituem até motivo de desinteresse pela J.U.C.F.. Porquê tamanha diferença quando é a mesma a orientação que vai para umas e outras, idênticos os meios de formação e actuação postos ao seu alcance? Só encontramos uma resposta: a falta de preparação das chefes de equipa que nem sempre estão à altura sobrenatural e humana de concorrerem para que se crie efectivamente uma vida de equipa.

Esta situação leva-nos a propôr o seguinte:

1. - Que só se constituam equipas quando as chefes tenham um mínimo de condições.
2. - Que se insista junto das chefes de equipa na necessidade de criarem dentro da equipa centros de interesse real para todas as juvistas.
3. - Que as orientações recebidas sejam sempre devidamente repensadas, assimiladas e concretizadas na forma mais conveniente a cada caso.
4. - Que os diocesanos facultem a permuta de experiências entre equipas.



As orientações atrás esboçadas são a concretização de dois princípios que nos parecem ser basilares para a vida de equipe: a iniciativa e a plasticidade. Iniciativa para que se procure sempre formas novas de interessar as pessoas da equipe ou do meio ou de corresponder aos interesses criados. Plasticidade para que, conservando as linhas de orientação traçadas, se procurem as adaptações necessárias aos vários casos.

Outro ponto a insistir é sobre a necessidade de acção efectiva das equipas no meio.

Nas publicações ao longo do ano haverá particular cuidado em à fazer; as dirigentes diocesanas deverão também empenhar-se neste aspecto.

3. RELAÇÕES ENTRE AS DIRECÇÕES DE SECÇÃO, DIOCESANAS E GERAIS

A J.U.C.F. atingiu já uma fase de estruturação que, embora não possa considerar-se perfeita - nenhuma estrutura o pode ser - é sem dúvida satisfatória nos seus aspectos gerais.

Quase todas as dirigentes encontram um plano de trabalho estabelecendo uma estrutura criada e deve portanto haver um esforço sério das que entram e das que saem para que toda a experiência se transmita sem atritos. Só este esforço pode permitir a continuidade do Movimento.

Este o primeiro princípio a ter presente na constituição e funcionamento das Direcções.

Outro princípio igualmente importante é o da corresponsabilidade de todas as dirigentes de uma mesma direcção. Não é só a presidente que foi confiado o mandato da hierarquia, mas a toda a equipa dirigente. A responsabilidade é pois de todas e abrange quer o domínio da execução quer o da programação das actividades. Este último aspecto é muitíssimo importante: cada direcção deve estudar as necessidades concretas do seu sector (diocesano ou secção) e, inspirada nas orientações gerais, formular um plano de actuação. A todo o grupo das dirigentes se pede ainda um mesmo empenho nas intenções, na Oração, na vida.

A este propósito convem salientar que principalmente as direcções de secção têm em geral pouca ou nenhuma vida enquanto direcção. Seria de desejar que um esforço grande se fizesse nesse sentido. Segue-se a necessidade de reuniões de direcção para elaboração do programa do ano e sua adaptação e revisão ao longo de cada período.

No que respeita às relações das direcções dos três planos entre si deve intensificar-se ainda mais a aproximação pessoal e que exige um esforço não só da Direcção Geral como também por parte das Direcções de Secção e Diocesanas. Exige-se sobretudo que se viva o mesmo ideal; esta vivência é a condição número um do perfeito entendimento entre todas as dirigentes.

4. FORMAÇÃO DAS MILITANTES

A preocupação de formar militantes tem-se tornado mais ins-tante a partir do ano passado. Este ano voltará ainda a constituir um ponto de particular interesse no programa da J.U.C.F..

As linhas de orientação de formação das militantes são aliás as que estão contidas no conceito de formação de base para o apostolado naturalmente com um carácter de maior exigência e profundidade.

Em ordem à formação das militantes propõe-se:

1. - a realização de um curso no início do ano nos três centros universitários, com programa a elaborar por cada centro de acordo com a Direcção Geral.
2. - Recolecções trimestrais ao longo do ano destinadas a aferir os esforços feitos, e aprofundamento de temas de formação e a troca de experiências entre as militantes.
3. - Folha de Militantes
Será orientada sensivelmente nos mesmos moldes da do ano passado.

5. FORMAÇÃO DE NOIVAS

A J.U.C.F. deve procurar na medida do possível corresponder às necessidades concretas, reais de todos os seus membros. Com o início deste trabalho pretende-se ir ao encontro dos problemas de um certo número de jucistas. Mas porque se trata de uma experiência inteiramente nova a que se vai fazer, entende-se que não será vantajoso definir esquemas rígidos, mas antes empreender um esforço de aproximação das universitárias noivas, tentar convencê-las e a interessarem-se em conjunto pelos seus próprios problemas. Através da Direcção Geral será possível estabelecer comunicação entre os grupos que se venham a criar nos três centros e será certamente fecunda a troca de experiências entre estas equipas-piloto. As Direcções Diocesanas deve caber a missão de fomentar a aproximação das pessoas e descobrir quem possa orientar os grupos latentes. Conviria que esses grupos tivessem contacto com casais universitários já constituído em que se visse encarnado um cristianismo autêntico.

6. FORMAÇÃO DE FINALISTAS

O trabalho junto das finalista tem um objectivo primário: orientá-las para a vida.

Para tanto muito útil se torna o contacto com diplomadas conscientes da missão apostólica que possam dar além de indicações convenientes para o futuro, o testemunho da sua vida de cristãos diplomados.

Em relação ao meio das universitárias deve haver particular cuidado em agitar ideias sobre o valor da profissão, os princípios morais reguladores da vida profissional de alguns aspectos específicos, etc.. As jucistas devem empenhar-se no estudo destes pontos. Tem como indicação geral, o tema de estudo e bibliografia elaborados no ano passado. A Direcção Geral por seu turno procurará dar orientações sobre outros pontos em que seja consultada.

III - A ACÇÃO NO MEIO

A acção no meio deve aparecer como o transbordar de uma vida cristã autêntica. Intensificar a acção apostólica e intensificar a vida cristã são aspectos diferentes de uma mesma realidade. Por isso não pode reccar-se que a formação faça esquecer a acção.

700
1129



A acção no meio tem uma dupla finalidade: converter os colégios a Cristo, o que implica que a gente lhes mostre Cristo autêntico, e difundir na Universidade o Pensamento Católico. Estes dois aspectos de acção apostólica universitária devem ser bem assimilados por nós e traduziram-se nas orientações e actividades juvenis.

Seguem-se vários tipos de acção das juvenis.

1. A ACÇÃO PESSOAL

Nunca é demais insistir neste ponto que é o sustentáculo de vida apostólica da J.U.C.F.. Lembra-se toda a teoria feita sobre acção pessoal que tem vindo publicada em *Doença do Militante*. Vejam folhas de militante atrasadas.

2. CAMPANHAS

São um ótimo meio de acção. Através de uma Campanha visa-se um objectivo bem determinado na consecução do qual devem empenhar-se todas as juvenis. As Campanhas são em geral excelentes pretextos para criar discussão no meio acerca de certos pontos.

Duas Campanhas são já tradicionais na J.U.C.F., a do Natal e a da Páscoa. Importa dar a uma e a outra necessária preparação e fazê-las atingir o rendimento máximo.

Além destas Campanhas tradicionais poderão organizar-se outras ao plano Diocesano ou de Secção.

A Direcção Geral sugere que nos três centros se faça nova Campanha pelo Seminário Africano, com vista a conseguir orações e fundos. Seria do maior interesse a organização de um cinema que permitisse obter verba para a deslocação de uma delegação portuguesa do Ultramar ao Seminário Africano. Esta iniciativa deveria ser confiada às responsáveis pela acção junto das raparigas do Ultramar e da Pax Romana.

4. ACÇÃO JUNTO DAS RAPARIGAS DO ULTRAMAR E DIFUSÃO DO INTERESSE PELOS PROBLEMAS ULTRAMARINOS

Com esta acção se procura atingir um duplo objectivo: dar consciência às juvenis do Ultramar da responsabilidade que lhes cabe em relação à sua missão futura e criarem todas as responsáveis do Ultramar um clima de amizade e caridade cristã que torne menos só a sua passagem pela Universidade.

Neste sentido propõe-se:

- Recepção das raparigas que vêm do Ultramar - recepção dos barcos, visitas aos lares, prolongadas em contactos pessoais.
- Reuniões de carácter familiar sobretudo em certas épocas do ano (Natal, Carnaval e Páscoa).
- Reuniões de carácter profano que proporcionem contactos humanos. Conviria que logo no início do ano se fizesse uma recepção às caloiras que vêm do Ultramar.
- Criação de um ou mais grupos de estudo da missão da mulher em África. Estes grupos constituir-se-ia logo desde o início do ano e preparariam um fim de semana a realizar nos fins do 2º período.
- Intensificação do espírito missionário, através da divulgação das Encíclicas sobre missões e auxílio concreto espiritual e material às missões.

- f) Organizar um fim de semana especial para as finalistas que vão para o Ultramar. A Direcção Geral poderá enviar orientações, se as Direcções Diocesanas assim o entenderem.
- g) Intercâmbio entre jucistas do Continente e raparigas do Ultramar que venham estudar para a Universidade.

5. ACÇÃO NOS LARES

Na programação das actividades jucistas não pode ignorar-se que quase 50% das universitárias vivem em lares, verificando-se a mesma alta percentagem em Coimbra. Significa isto que a J.U.C.F. deve orientar seriamente as possibilidades de actuação nos lares. Essa acção deverá desenvolver-se num duplo sentido: junto das directoras dos lares procurando que o ambiente e as condições de vida no lar satisfaçam as exigências de um lar universitário; junto das jucistas que estão nos lares procurando empenhá-las na acção apostólica no próprio lar.

Para garantir a eficiência deste trabalho deve ser escolhida para vogal diocesana uma dirigente que alie, às demais qualidades pessoais, grande espírito de iniciativa e particular bom senso.

Em ordem à realização dos objectivos que o trabalho nos lares visa propõe-se:

- a) Contacto frequente com as directoras, informação actualizada acerca das actividades jucistas;
- b) Sugestões concretas às directoras para que proporcionem condições materiais de que o lar se transforme num ambiente familiar, meio de formação humana e cultural, ambiente de estudo, ambiente moral e religioso, iniciativas variadas: festas de calceiras, de anos, de Natal e Páscoa, etc., que possam contribuir para concretizar aquela ideia;
- c) Deve procurar promover-se directamente através das directoras ou indirectamente através da acção das jucistas que estão nos lares que se empreendam iniciativas capazes de completar a formação universitária com o Pensamento da Igreja sobre as questões mais importantes dos cursos. Para esta finalidade imediata seria um ótimo meio de criar relações com pessoas já formadas, relações essas sempre fecundas.
- d) Um aspecto a que importa dar o maior relevo é a vida litúrgica. Neste sentido se devem empreender todos os esforços. Estamos a pensar nos lares católicos; portanto bem se compreende que a vida litúrgica seja alguma coisa de muito importante na vida do lar. Em especial dever-se-ia insistir na participação activa na Missa, pela união de intenções, pela dialogação, pelo canto, pela comunhão; a vivência dos ritos litúrgicos, a colaboração condigna do domingo, e das Completas. A recitação do terço em comum será uma oração para liturgia que deve ser recomendada.
- e) Conviria ainda rever a questão dos retiros. Muitos lares têm o seu retiro mas fazem-no em condições que não se prestam a aconselháveis.
- f) Como elementos de ligação entre todos os lares sugere-se a criação de uma folha com a colaboração de todas as raparigas dos lares. Seria uma experiência a fazer por algum ou todos os diocesanos. A Direcção Geral daria toda a colaboração pedida a esta iniciativa.



g) Muito útil se mostra ainda o despertar do interesse das raparigas dos lares para actividades de tipo social, como seja visitas a bairros pobres, C.S.P. do Lar, etc..

A Campanha de intensificação de vida cristã deve atingir os lares e provocar forte desejo de renovação, o qual deve ser aproveitado para um trabalho apostólico nos lares. A preparação para as Jornadas e as Jornadas em si devem ter presentes, de forma particular, todas as raparigas dos lares. As directoras dos Lares deveriam ser informadas quanto antes daquela grande iniciativa.

IV - O CRESCIMENTO DA J.U.C.F.

Este ponto foi largamente estudado no Curso de Militantes e ficaram bem definidas as linhas que devem orientar esse crescimento as quais poderão resumir-se na necessidade de que a entrada de novas juicistas se faça sempre por uma total assimilação do ideal e métodos juicistas.

Por outro lado, o esforço de crescimento deve ser feito pelo conjunto de todas as juicistas; esta é uma ideia-base a levar para o meio juicista. Já no acolhimento das caloiras ela deve ser realizado desse modo todas as juicistas devem fazer convergir o seu esforço apostólico - oração, actividade, etc. - no encontro com as novas.

Logo desde o início do ano se deve procurar estruturar o trabalho com as novas formando com elas grupos tendo por base as suas afinidades pessoais e centros de interesse. Aborto a todas as caloiras, dever-se-ia realizar um fim de semana sobre problemas de Faculdade, métodos de estudo, Fundação Cuidar o Futuro, etc. A ajuda efectiva prestada às caloiras seria certamente um ótimo meio de contacto com juicistas mais adiantadas e até licenciadas.

A formação de aspirantes propriamente dita constará de um curso de fundamentação das Verdades da Fé Cristã e de um curso sobre integração na J.U.C.F. e técnica de apostolado juicista. Para orientação do primeiro, a Direcção Geral pensa editar um folheto com os esquemas das lições e bibliografias complementares; para o segundo a Direcção Geral enviará também os esquemas.

V - SERVIÇO DE PAX ROMANA E DE FORMAÇÃO INTERNACIONAL

Este Serviço tem uma dupla missão: por um lado assegurar o contacto permanente com o Secretariado da Pax Romana, ou Sub-Secretariados existentes e as Federações da Pax Romana; por outro lado manter viva a consciência de catolicidade, criando interesse por tudo o que se passa no mundo.

Para a realização daqueles objectivos prevê-se:

- intensificação de contactos no seio da Pax Romana,
- Renovação em novos moldes da Campanha pro-Seminário Africano.

Já em outro lugar se falou na necessidade de uma iniciativa que permitisse recolha de fundos para a deslocação de uma juicista do Ultramar ao Seminário.

- Intensificação do intercâmbio; em especial aproveitar a passagem pelo país de membros do Comité Directeur ou do Stepp e fomentar entrevistas.

- Campanha de Pax Romana, a realizar de
- A ideia à roda da qual se organiza a Campanha será
- Orientações para o aproveitamento de férias no estrangeiro.
- Nos centros em que se torna possível, será de desejar a constituição de um ou mais grupos de estudo sobre temas de ressonância internacional. Segue-se um tema: Universidade e Liberdade tema que será objecto do Congresso Mundial da Pax Romana em 1958, Viena.

VI - CONFERÊNCIAS DE S. VIVENTE DE PAULO

As C.S.V.P. universitárias são obras auxiliares da J.U.C.F. o que significa praticamente que a sua acção deve ser orientada de modo a que se preencha os objectivos da acção católica universitária. Várias vezes se tem dito que através das Conferências se pode, e deve, fazer apostolado sendo até para alguns tipos de pessoas a forma mais acessível e talvez a única humanamente eficaz de conversão.

Deve pois haver a mais estreita colaboração entre a Direcção da J.U.C.F. e as Presidentes das Conferências devendo estas serem em princípio militantes da J.U.C.F..

A orientação para o trabalho das Conferências está confiada a uma responsável geral, devendo existir em cada diocesano um responsável que não só canalize as orientações da Direcção Geral como acompanhe efectivamente a vida das Conferências nas várias Secções.

Durante o corrente ano propõe-se uma intensificação da formação espiritual das vicentinas, procurando-se, principalmente através das Folhas Vicentinas e Manhãs Vicentinas, insistir na necessidade de autêntica vivência cristã e meios de santificação ao nesse dispor.

Também se preconiza um esforço sério no sentido de formação social das vicentinas e sua influência no meio. Verifica-se que a maioria apenas se interessa pela ajuda material imediata ao pobre e desconhece os aspectos gerais do problema social; tão pouco existem noções verdadeiras a propósito da própria Caridade que se procura viver. Por isso, através das Folhas Vicentinas se insistirá neste aspecto. Seria também conveniente que nos diocesanos ou até nas Faculdades em que houvesse possibilidades de o conseguir se constituíssem pequenos núcleos de vicentinas ou outras empenhadas no estudo de um problema social. Os resultados deste trabalho em comum poderiam constituir matéria de debate para um fim de semana aberto a outras pessoas.

Entende-se ainda que, com o objectivo de chamar a atenção do meio geral para a questão social, seria do maior interesse a realização de uma Campanha a favor de um objectivo concreto (uma casa, luta contra o frio, farrapeiro) que permitisse empenhar um grande número de pessoas no problema e simultaneamente interessando-as e doutrinando-as.

A Folha Vicentina sairá mensalmente e deverá ter a colaboração dos três centros. A Folha incluirá os temas de meditação para as reuniões de vicentinas, artigos de formação espiritual, artigos de doutrinação social, notícias e experiências dos três centros.



VII - PRESENÇA

- 11 -

A Presença será confiada a uma equipa anexa à Direcção Geral da qual devem fazer parte membros de Coimbra, Lisboa e Porto. A esta equipa competirá o planeamento, redacção e administração da Presença bem como a organização de meios de expansão publicitária.

VIII - OUTRAS ACTIVIDADES

1. A Direcção Geral procurará realizar Campos de Férias, no verão de 1958, à semelhança do que se tem feito em outros anos. Se possível, realizar-se-ia um ou dois Campos de Férias na Páscoa, possivelmente um na Serra da Estrela.

2. Anexa à Direcção Geral funcionará uma equipa com a missão de estudar os problemas de formação de base para o apostolado. Desta equipa deveria fazer parte juvistas dos três centros.

3. Na Direcção Geral existe um ficheiro bibliográfico, ordenado por assuntos que deve ser tornado conhecido das juvistas.

A Direcção Geral dará orientações sobre bibliotecas de Faculdade ou lares universitários e bem assim poderá arranjar bibliografias sobre quaisquer assuntos culturais ou doutrinários.

Lebano



Fundação Cuidar o Futuro